

A OBSERVAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO TÍPICO DA COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL: SUBSÍDIOS PARA A PROMOÇÃO DO USO DA LINGUAGEM NO AUTISMO

Aluno: Gilberto Bruzzi Desiderio
Orientadora: Carolina Lampreia

Introdução

O autismo é concebido como um transtorno do desenvolvimento e é caracterizado basicamente por falhas na interação social e na comunicação tanto verbal quanto não-verbal (DSM-IV-TR; Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, 2002). Seu diagnóstico deve ser feito antes dos 36 meses de idade sendo que tem sido buscada uma identificação mais precoce visando uma intervenção também precoce que permita minorar os possíveis efeitos do prejuízo biológico subjacente. Para o fim da identificação precoce antes dos 2 anos de idade, têm sido desenvolvidos instrumentos específicos e realizados estudos de vídeos familiares (Lampreia, no prelo). Os estudos do desenvolvimento típico dos diversos comportamentos de atenção compartilhada que surgem a partir dos 9 meses de idade também têm servido de referência mostrando que as falhas no apontar declarativo por parte da criança autista e no seguir o apontar do adulto podem estar ligadas a distúrbios de linguagem e do jogo simbólico, que servem de marcadores do autismo (Baron-Cohen, Allen & Gillberg, 1992).

Esses vários estudos de identificação precoce assim como os de intervenção precoce usam preferencialmente categorias discretas de observação e treinamento. Por outro lado, alguns estudos do desenvolvimento típico da intersubjetividade e da comunicação inicial não-verbal, tais como os de Stern (1977; 1992), Hobson (2002) e Bates (1976; 1979), adotam uma metodologia que enfoca a observação dos aspectos qualitativos da passagem de uma habilidade a outra. Estes estudos não apenas registram a aquisição de uma nova habilidade em determinado momento do desenvolvimento mas descrevem as condições em que ela surge em termos das atividades nas quais a criança está envolvida e a participação do adulto. Eles descrevem a passagem de uma habilidade a outra quando, por exemplo, a criança passa a substituir o gesto pela vocalização que já a acompanhava.

Em suma, para que se possa melhor compreender em que consistem as falhas iniciais de desenvolvimento no autismo, que acarretam posteriormente suas características mais básicas, torna-se necessário conhecer os aspectos qualitativos e descritivos do desenvolvimento típico, assim como os aspectos afetivos da comunicação inicial. Isto poderá vir a permitir uma identificação precoce mais fidedigna assim como uma intervenção precoce mais eficaz.

A comunicação afetiva

As primeiras interações sociais do bebê acontecem já nos primeiros dias de vida através das interações mãe-bebê, que se dão no contexto da regulação fisiológica. As tarefas de comer, adormecer e a homeostase geral são geralmente acompanhados por comportamentos sociais dos pais: embalar, acariciar, tranquilizar, conversar, cantar e fazer sons e caretas. Eles ocorrem em resposta a comportamentos do bebê tais como chorar, choramingar, olhar e olhar fixamente. No entanto, essas primeiras interações são permeadas por uma qualidade exclusiva e inata do ser humano, a capacidade de ser sensível e responsivo às emoções de seus semelhantes (Hobson, 2002). É a partir dessa sensibilidade que podemos esperar uma qualidade de interação nos humanos diferente das observadas nos outros animais, uma qualidade que possibilita ao humano vir a desenvolver a linguagem, pois mesmo antes da linguagem essa sensibilidade já possibilita qualidades de interação que agem como precursoras da linguagem. Uma grande quantidade de interação social acontece a serviço da regulação fisiológica, e pode-se dizer que essas interações são o berço para o desenvolvimento da linguagem.

Além disso, os bebês parecem ter uma capacidade geral inata, que pode ser chamada percepção amodal (Stern, 1992), de tomar a informação recebida de uma modalidade sensorial e de alguma maneira traduzir para uma outra modalidade sensorial. A percepção amodal permite que uma coisa vista, ouvida e tocada possa de fato, através da coordenação de informações que vêm de várias modalidades perceptuais diferentes (como visão, tato, audição...), ser sentida como parte de uma fonte externa única. Essa capacidade é fundamental para que o bebê possa experimentar um senso de eu e de outro emergentes, que possibilita que, por volta dos dois meses, o bebê se encontre em uma nova situação bem mais social. Situação essa onde o bebê sorri, vocaliza, faz contato ocular em resposta aos comportamentos exagerados e repetidos da mãe que apresenta algumas alterações na linguagem, nas expressões faciais e jogos de esconde-esconde. Mãe e bebê regulam, então, mutuamente os interesses e sentimentos um do outro através de padrões rítmicos, sinais multimodais, equiparação de expressão vocal, facial e gestual.

A percepção amodal não é, porém, uma simples questão de tradução direta entre as modalidades, a informação não é experienciada como pertencente a qualquer módulo sensorial. Ao contrário, envolve uma codificação amodal que então pode ser reconhecida em qualquer um dos modos sensoriais. Essas representações abstratas que o bebê experiencia não são visões e toques e objetos nomeáveis, mas ao contrário, formas, intensidades e padrões temporais, e podem ser entendidas como as qualidades mais globais da experiência. Por isso, a atenção deve se voltar para o aspecto afetivo, uma vez que a representação amodal transcende os modos sensoriais e existe em alguma forma supramodal em que o afeto age como o curso supramodal em que a estimulação em qualquer modalidade possa ser traduzida.

Pode-se dizer que existem qualidades da experiência comuns aos módulos sensoriais. Os experimentos sobre capacidades modais cruzadas sugerem que algumas propriedades das pessoas e coisas, tais como forma, nível de intensidade, movimento, número e ritmo, são experienciadas como qualidades globais, amodais. Existe ainda uma qualidade de experiência que surge diretamente do encontro com pessoas, uma qualidade que envolve afetos de vitalidade (Stern, 1992). Essas qualidades indefiníveis são mais bem capturadas por termos dinâmicos como: explosivo, crescendo, decrescendo, prolongando, explodindo e assim por diante. Essas qualidades de sensação estão intrinsecamente envolvidas com todos os processos da vida, tais como respirar, ficar com fome, eliminar, adormecer ou acordar, ou sentir o ir e vir de emoções e pensamentos, além é claro de estar presente nas interações sociais. O mundo

experienciado pelo bebê é primariamente um mundo de afetos de vitalidade antes de ser um mundo de atos e formas. Ele é análogo ao mundo físico de percepção amodal, que é primariamente um mundo de qualidades abstraíveis de forma, nível de intensidade e assim por diante, não um mundo de coisas vistas, ouvidas, ou tocadas.

As qualidades experienciadas como similares através dos afetos de vitalidade, por exemplo, sons e toques de cuidados maternos, que podem transmitir uma mesma qualidade tranquilizadora, são reunidas por contornos de ativação similares que permitem que uma variedade de experiências sensoriais sejam agrupadas. Isto significa que podem ser experienciadas como correspondentes e dessa forma como criando uma organização. Um contorno de ativação pode ser abstraído de um tipo de comportamento e pode existir em alguma forma amodal. Esses contornos de ativação explicariam, então, o que seriam as representações amodais. A representação amodal poderia consistir em um padrão temporal de mudanças na densidade da descarga neural.

Por isso, é possível afirmar que a necessidade e a habilidade de formar representações abstratas das qualidades primárias da percepção, e de influenciá-las, começa no início da vida mental; não é a culminação de um marco do desenvolvimento atingido no segundo ano de vida. Mãe e bebê criam cadeias e seqüências de comportamentos recíprocos que formam diálogos sociais. É aqui que estão sendo desenvolvidos, por parte do bebê, os sentidos de contingência, isto é, a relação temporal próxima e dependente entre seu comportamento e o da mãe, e reciprocidade, assim como a antecipação, ou seja, adiantar o que irá ocorrer a seguir, e alternância de turno entre a mãe e o bebê que são a base para a comunicação intencional que virá a seguir. Esses diálogos sociais de base afetiva são os precursores dos precursores da linguagem; são, portanto, o berço da linguagem. Mas, por enquanto, essas interações sociais iniciais envolvem principalmente regulação do afeto e da excitação.

Objetivo

A presente pesquisa teve como objetivo mais geral descrever e analisar as diferentes fases do desenvolvimento da comunicação não-verbal até o surgimento da comunicação verbal, no desenvolvimento típico, de maneira a obter subsídios para a elaboração de programas que visem a promoção do uso da linguagem pela criança autista. O objetivo específico, neste momento, foi elaborar uma metodologia de análise de vídeos que permitisse identificar categorias que permitem descrever e analisar a fase inicial do desenvolvimento da comunicação afetiva até o surgimento da comunicação não-verbal entre os 9 e 12 meses de idade, de maneira que os resultados dessa análise contemplem as diferenças entre o desenvolvimento típico e o não típico (no caso específico o autismo) para melhor compreender os processos envolvidos na comunicação.

Metodologia

Participantes e Procedimento

Foram analisados vídeos de bebês entre 3 e 12 meses de idade, filmados em situações naturais em interação com seu cuidador. Foram usados vídeos feitos geralmente pela família do cuidador, sem objetivos relacionados especificamente à pesquisa, apenas para documentar eventos cotidianos do bebê.

As categorias de análise de vídeos foram assim definidas:

1. Categorias discretas: sorriso (parceiro sorri para o outro ou responde ao sorriso do outro, retribuindo o sorriso imediatamente); contato ocular (parceiro dirige sua atenção visual para o outro e olha diretamente para sua face e nos seus olhos); vocalização (um dos parceiros emite sons)
2. Categorias afetivas-I: engajamento afetivo: grau de conexão emocional entre o bebê e seu cuidador (García-Perez, Lee & Hobson, 2007). A avaliação será subjetiva e pontuada em 3 níveis: sem conexão emocional, alguma conexão, conexão emocional forte; fluxo da interação: harmonia do intercâmbio entre o bebê e seu cuidador (García-Perez, Lee & Hobson, 2007). A avaliação será subjetiva e pontuada em 3 níveis: intercâmbio mínimo, pouco harmonioso (requer esforço por parte da mãe para fazer com que ocorra intercâmbio), muito harmonioso (intercâmbio relaxado e regular);
3. Categorias afetivas-II: intensidade (o nível de intensidade do comportamento do parceiro é o mesmo que o do outro, independentemente do modo ou forma de comportamento - p. ex., a altura da vocalização da mãe iguala a força de um abrupto movimento de braço do bebê - Stern, 1992); timing (uma pulsação regular, no tempo, é igualada - p. ex., a inclinação da cabeça da mãe e o gesto do bebê obedecem à mesma batida - Stern, 1992); forma (algum aspecto espacial de um comportamento é igualado - p. ex., a mãe toma emprestada a forma vertical do movimento para-cima-para-baixo do braço do bebê e a adapta a seu movimento de cabeça - Stern, 1992)

O procedimento para a análise dos vídeos consistiu, primeiramente, em assistir as filmagens recolhidas como um todo, e em seguida destacar as cenas consideradas aptas, ou seja, cenas em que fosse possível visualizar a face do bebê e do cuidador simultaneamente. Em um segundo momento eram destacados, das cenas aptas, episódios de interação ou de tentativa de interação. Cada episódio tinha início sempre quando havia solicitação por parte de um dos integrantes da díade. Se não houvesse, após cinco segundos, resposta do parceiro, o episódio era considerado como uma tentativa frustrada de interação. Para cada episódio, procurou-se identificar as categorias de análise anteriormente definidas e assinalar suas ocorrências em uma folha de registro. A duração de cada episódio de interação não foi previamente estipulada. Os episódios eram interrompidos quando passavam-se cinco segundos sem que um dos parceiros da díade respondesse.

Conclusão

As categorias de análise utilizadas podem permitir o rastreamento de falhas básicas encontradas no desenvolvimento de bebês com risco de autismo. A metodologia de análise das categorias discretas está bem elaborada. Contudo, a metodologia para as categorias afetivas precisa de mais tempo de treinamento, já que estas categorias foram recentemente reformuladas para que melhor se adequassem às novas necessidades da pesquisa. Isso porque os resultados aqui obtidos permitiram a elaboração de um novo projeto de pesquisa “A investigação de sinais precoces de risco de autismo em bebês com irmãos autistas”, que deverá procurar analisar interações mãe-bebê com o objetivo de identificar possíveis indícios de risco de autismo antes dos 12 meses de idade.

Agradecimento

Os autores deste trabalho agradecem ao CNPq pelo apoio financeiro (Bolsa PIBIC – 2007/2008)

Referências

1. Baron-Cohen, S., Allen, J. & Gillberg, C. (1992) Can Autism be Detected at 18 Months ? The Needle, the Haystack, and the CHAT. **British Journal of Psychiatry**, 161, 839-843.
2. Bates, E. (1976) **Language and context. The acquisition of pragmatics**. N.Y.: Academic Press.
3. Bates, E. (1979) **The emergence of symbols. Cognition and communication in infancy**. N.Y.: Academic Press.
4. DSM-IV-TR (2002) **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. trad. Dayse Batista, 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
5. Hobson, P. (2002) **The cradle of thought**. London: Pan books
6. Lampreia, C. (no prelo) Algmas considerações sobre a identificação precoce no autismo. In: **Temas em Educação Especial**. São Carlos, São Paulo : EDUFSCar.
7. Stern, D. (1977) **The First Relationship: Infant and Mother**. London: Fontana/Open Books.
8. Stern, D. (1992) **O Mundo interpessoal do bebê. Uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento**. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas.

ANEXO I

FOLHA DE REGISTRO PARA OBSERVAÇÃO DA INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ

Folha de Registro									
Nome					Idade			Sexo	
Posição na filmagem					Duração				
Situação									
Tempo	Discretas	M	B	Afetivas 1	M	B	Afetivas 2	M	B
	Contato ocular Sorri Vocaliza			Conexão emocional Fluxo interação			Intensidade Timing Forma		
	Contato ocular Sorri Vocaliza			Conexão emocional Fluxo interação			Intensidade Timing Forma		
	Contato ocular Sorri Vocaliza			Conexão emocional Fluxo interação			Intensidade Timing Forma		
	Contato ocular Sorri Vocaliza			Conexão emocional Fluxo interação			Intensidade Timing Forma		

	Contato ocular Sorri Vocaliza			Conexão emocional Fluxo interação			Intensidade Timing Forma		
	Contato ocular Sorri Vocaliza			Conexão emocional Fluxo interação			Intensidade Timing Forma		
	Contato ocular Sorri Vocaliza			Conexão emocional Fluxo interação			Intensidade Timing Forma		
	Contato ocular Sorri Vocaliza			Conexão emocional Fluxo interação			Intensidade Timing Forma		
	Contato ocular Sorri Vocaliza			Conexão emocional Fluxo interação			Intensidade Timing Forma		
	Contato ocular Sorri Vocaliza			Conexão emocional Fluxo interação			Intensidade Timing Forma		

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--